

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

JEAN-LUC GODARD, PARA SEMPRE
24 de Janeiro de 2023

L'ORIGINE DU XXIEME SIECLE / 2000

um filme de JEAN-LUC GODARD

Realização, Argumento e Montagem: Jean-Luc Godard *Fotografia:* Julien Hirsch *Som:* Gabriel Hafner, François Musy *Citações de textos de* Henri Bergson e Henri Vacquín *Vozes:* Pierre Guyotat, Ronald Chammah.

Produção: Vega Film (França, 2000) *Cópia:* Betacam digital, cor, com legendas electrónicas em português, 15 minutos *Estreia Mundial:* 10 de Maio de 2000, no Festival Internacional de Cinema de Cannes *Primeira apresentação em Portugal:* 29 de Junho de 2009 (“O Cinema no Museu”, com THE OLD PLACE, de Jean-Luc Godard e Anne-Marie Miéville, 1998 e *Film Amateur Maquette Expo*, um título inédito e inacabado de Godard e Miéville, apresentado extra-programa depois da sua única apresentação pública, naquela data, no Centro Georges Pompidou, em Paris).

NOTA

L'ORIGINE DU XXIÈME SIÈCLE é apresentado com DANS LE NOIR DU TEMPS e FILM SOCIALISM (“folha” distribuída em separado)

**“Nascemos no museu, é a nossa pátria (...)
não existíamos antes.”**

JLG em conversa com Youssef Ishaghpour,
referindo-se à Cinemateca Francesa de Henri Langlois

Nas HISTOIRE(S) DU CINÉMA, em que se lança em finais da década de 1980, depois de “30 anos de vídeo”, Jean-Luc Godard trabalha, num mesmo plano, a memória do cinema e a memória do século XX sob a forma impressionista das colagens para a qual o seu entendimento de montagem de certo modo sempre apontou. Como dispositivo, a montagem/colagem das HISTOIRE(S) assenta na ideia das sobreposições, inscrições, cruzamentos, vários níveis de sentidos e camadas de leitura, uma transposição da figura do fundido encadeado trabalhada no limite na banda imagem (imagens e texto), na banda de som (palavras, excertos musicais, excertos de bandas sonoras de outros filmes, ruídos, murmúrios) e no diálogo entre elas mantido. Polifónicas, fragmentárias, múltiplas, reverberantes, as HISTOIRE(S) – *Histoire(s)* e não *Histoire* ou *Histoires du cinéma*, é importante – constroem-se a partir de arquivos de imagens e citações – um desejo que, muito citado em THE OLD PLACE (1998), Walter Benjamim manifesta no inacabado *Paris, Capital do Século XIX*. Nelas convivem referências cinematográficas, fotográficas, pictóricas, literárias, musicais e históricas. Um mesmo plano pode ser lugar para todas elas. Os muitos planos da série configuram o espaço e o tempo de uma existência partilhada. Como só o cinema permite, segundo JLG. *Seul le Cinéma*. TOUTES LES HISTOIRES, UNE HISTOIRE SEULE, FATALE BEAUTE, LES SIGNES PARMIS NOUS, LA MONNAIE DE L'ABSOLU, LE CONTROLE DE L'UNIVERS, UNE VAGUE NOUVELLE. Os subtítulos das HISTOIRE(S) são um programa em si mesmos (e ninguém devia falhar a possibilidade de tudo ver ou rever na sessão da integral da próxima sexta-feira). Godard retoma, na sua essência, o dispositivo em L'ORIGINE DU XXIÈME SIÈCLE e THE OLD PLACE.

São dois filmes contíguos, tomemo-los como um par: o primeiro foi filmado entre as HISTOIRE(S) e ÉLOGE DE L'AMOUR (2001); o segundo, co-assinado com Miéville, ainda durante o processo dos últimos capítulos das HISTOIRE(S). São ambos “filmes-encomenda” no sentido que JLG felizmente lhe dá, visceralmente pessoais, portanto. THE OLD PLACE resultou numa reflexão sobre a arte e o seu lugar na história, tal foi o *desvio* de JLG relativamente ao retrato da história do museu que o MoMA lhe propôs. Foi já do estertor do século que, na arte, foi o do cinema, emergente entre guerras, que se ocupou, esclarecendo o título do “filme do MoMA”, que abre e fecha sobre a imagem de um macaco entre árvores com uma expressão mais descritiva: “Small notes regarding

the arts, at the fall of the XX Century”. Mas chamou-lhe THE OLD PLACE, mais melancólico e mais afectuoso, em rima com “the old stars” e “the old movies”. “The old place” é o museu e o cinema, que na biografia de JLG se confundem porque a sua geração já descobriu um no outro, como é história mais do que contada. THE OLD PLACE apresenta-se então como um ensaio que reflecte sobre a história da arte, no que nela há de lenda e de realidade. As vozes, duplas, falam do terror (e de mercantilismo: “(...) e o último Citroën chama-se Picasso”) mas concordam no sentimento de uma abertura para o futuro, no cinema, porque a criação deve ser, pode ser, para JLG (e Miéville) é um acto de resistência. “De Boticelli a Barnett é o mesmo olhar, o mesmo silêncio.” Os segredos que se guardam (“No Trespassing” vem de Welles para os últimos instantes de THE OLD PLACE) são muitas vezes o que permite continuar.

L’ORIGINE DU XXIÈME SIÈCLE surgiu de uma interpelação do Festival de Cannes para abertura da edição de 2000 em tributo ao primeiro século de cinema, que JLG não distingue da História desses cem anos: constrói-o “à la recherche du siècle perdu” inscrevendo em movimento retrospectivo seis datas sobre as imagens, 1990, 1975 (que rima com Kubrick), 1960 (*raccord* com Jean Seberg em À BOUT DE SOUFFLE), 1945, 1930 e 1951. O *flashback* fixa a guerra e o rasto dela, o cinema americano e o cinema japonês, Bergman, Dreyer, Jerry Lewis e, e, e... Se Godard associa o século XX a um século de pornografia, antes de mais a da guerra, é a partir de um discurso eminentemente visual, do qual a palavra emerge. Só o cinema, contando-se a si próprio, pode contar a História, é uma especificidade sua como arte do século XX, nascida no século XIX o que, como sabemos, Godard nunca esquece (o cinema como ideia do século XIX que demorou, a realizar-se, o tempo do século XX). E se assim é, é porque, para ele, o cinema participa da matéria da História.

Godard explica o ponto: “O que se passa é que, contando uma comédiazinha italiana, francesa, o que seja, o cinema é muito mais uma imagem do século, seja ela qual for, do que um romance, é uma sua metáfora. No que diz respeito à História, o mais simples beijo do cinema ou o mais simples tiro do cinema é mais metafórico do que a literatura. A matéria é ela própria metafórica. É uma imagem que corresponde ao homem médio, não ao mais infinitamente pequeno dos átomos ou ao infinitamente grande das galáxias. Foi o que ele mais filmou, homens e mulheres de média idade.” É assim que acredita que “nos filmes há o espectáculo da História, a História quase viva, é o que faz o cinema, é uma imagem viva do desenrolar da História e do tempo da História.” Talvez menos *cinéfilo* do que as HISTOIRE(S), que motivaram estas palavras, no sentido em que bate mais insistentemente a tecla da História (“Nada é mais contrário à imagem do ser amado do que a imagem do Estado” – imagem de John F. Kennedy – “cuja razão se opõe à razão soberana do amor” – imagem de Marilyn), L’ORIGINE DU XXIÈME SIÈCLE tem o grau de *comprometimento* do costume. Basta começar pelo princípio e ver como, pela godardiana arte da aparição/desaparição das letras sobrepostas, o título é iluminado pela perspectiva pessoal: “DE L’ORIGINE DU XXIÈME SIÈCLE POUR MOI”. O sublinhado é nosso. JLG tem o dele, quando se demora em L’OR, o ouro que encontra na palavra origem (“A sociedade faz com que o corpo pareça algo mais do que aquilo que é, e a alma algo de menos. Mas como, quando separados, o corpo regressa à terra e a alma é capaz de regressar ao céu, vemos um e outro na sua pureza”).

Maria João Madeira